

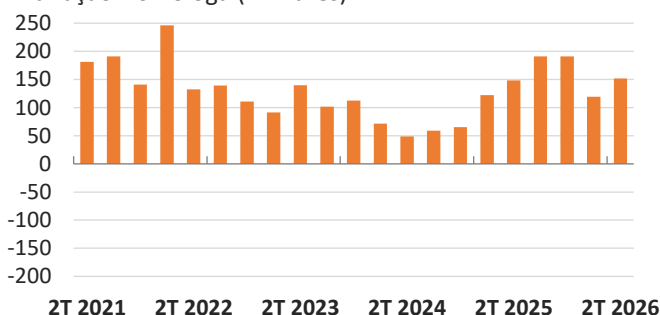
Economia portuguesa

O indicador de confiança dos consumidores diminuiu em agosto, depois de um período de 3 meses a registar melhorias, em parte justificado pela maior apreensão sobre as perspetivas para a evolução futura da situação económica do país. Já o indicador de clima económico aumentou em agosto, após ter diminuído no mês anterior, com aumentos da confiança nos setores da construção e serviços e diminuições no comércio e indústria transformadora. O volume de negócios no comércio aumentou 2,0% em termos homólogos no mês de julho (+0,1 p.p. face a junho), motivado por uma aceleração no comércio a retalho (para 3,0%) e no comércio por grosso (para 0,5%). Em sentido contrário, as vendas no setor do comércio de automóveis abrandaram 4,6 p.p. para 3,9%. Já os preços da produção industrial registaram uma aceleração no seu crescimento em julho (5,8% homólogo, +0,7 p.p.), impulsionados sobretudo pela componente energética (15,8%) e pelos bens intermédios (6,5%).

Emprego volta a máximos históricos no 2T. A população empregada acelerou para 2,9% homólogo no 2T (1,9% em cadeia). Isto acontece depois de um início de ano em que o emprego revelou um ligeiro abrandamento, e coloca o total de pessoas empregadas em Portugal em 5,399,800 pessoas, um novo máximo histórico. Para este dinamismo contribuíram, principalmente, dois sectores: as atividades de saúde humana & apoio social e a construção explicam mais de metade da criação de emprego neste trimestre. Por sua vez, a taxa de desemprego atingiu os 5,3%, o nível mais baixo da série estatística (uma redução de 0,6 p.p. face ao trimestre homólogo). Por fim, a remuneração bruta real mensal média por trabalhador desacelerou no trimestre terminado em junho; mais concretamente, depois de um crescimento de 3,0% homólogo no 1T, as remunerações cresceram 1,8%, atingindo os 1.416 euros.

Portugal: População Empregada

Varição Homóloga (Milhares)



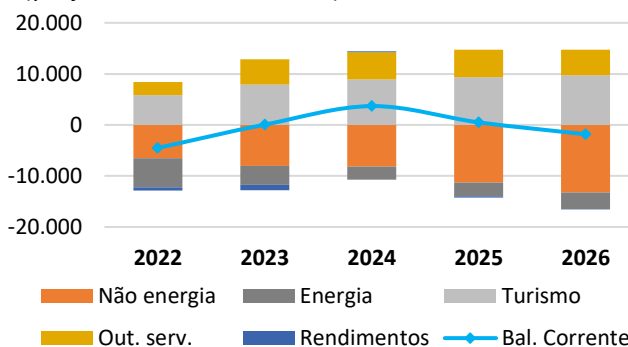
Nota: Valores não ajustados de sazonalidade.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

No primeiro semestre do ano, a balança corrente registou um défice de 1.837 milhões de euros, o pior arranque de ano desde 2022. A deterioração do saldo em 2.338 milhões de euros face ao período homólogo justifica-se pelo agravamento do saldo da balança de bens em 2.508 milhões de euros (justificado em 78% pela componente não energética), em resultado do aumento nas importações (+9,1% homólogo) que mais do que compensou o aumento das exportações (+5,9% homólogo). Adicionalmente, o saldo acumulado da balança de serviços manteve-se praticamente estável face ao mesmo período do ano anterior, com comportamentos divergentes entre os serviços turísticos e os outros serviços. Por comparação a junho de 2025 e em termos acumulados, a balança turística viu o seu excedente aumentar em 364 milhões de euros (+3,9% homólogo), via aumento das exportações, ao passo que o saldo da balança dos outros serviços reduziu-se em 330 milhões de euros (-6,1% homólogo), via aumento das importações.

Portugal: Balança corrente

(ytd junho, milhões de euros)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Datastream.

A subida das taxas Euribor está a atrair novamente as famílias para a constituição de poupanças em produtos de retalho da dívida pública portuguesa. De facto, as subscrições líquidas atingiram os 677 milhões de euros em julho (o valor mensal mais elevado desde maio de 2023), com as subscrições de Certificados de Aforro a atingirem 708 milhões de euros, com uma diminuição expressiva na retirada dos Certificados do Tesouro (que se fixou em -28 milhões de euros), o valor mensal menos negativo desde finais de 2021, evolução motivada pela entrada em vigor da respetiva Série 5, com a atratividade por este tipo de produtos a aumentar. Perante isto, as famílias portuguesas tinham, em julho, 50.383 milhões em produtos de retalho, um máximo histórico. Ao mesmo tempo, a carteira de crédito ao setor privado não financeiro voltou a acelerar em julho. Mais concretamente, aumentou 8,4% homólogo (face a 8,2% no mês anterior), com a carteira de crédito à habitação a aumentar 10,8% homólogo. Também a carteira de crédito das empresas não financeiras acelerou para 5,2% homólogo (4,8% em junho) e a de consumo & outros fins manteve o ritmo de crescimento em 8,2%. Esta dinâmica pode ser influenciada pelos novos empréstimos concedidos nesse mês (informação disponível apenas no dia 2 de setembro). Adicionalmente, a taxa de juro implícita nos contratos de crédito à habitação voltou a aumentar em julho. A variação em cadeia foi de 0,034 p.p., para 3,135%, o que representa a taxa mais elevada desde outubro de 2025 (quando atingiu os 3,180%). Este movimento era já antecipado, perante o comportamento dos indexantes (por exemplo, a Euribor a 6 meses, principal indexante nas novas operações para habitação própria e permanente, registou um aumento de 0,60 p.p. desde o início do ano). Ao mesmo tempo, o capital médio em dívida atingiu um novo máximo histórico em julho (de 79.463 euros). Neste contexto, a prestação média mensal atingiu o valor mais elevado da série, de 414 euros, o que equivale a um aumento de 3 euros face ao mês anterior.

Economia internacional

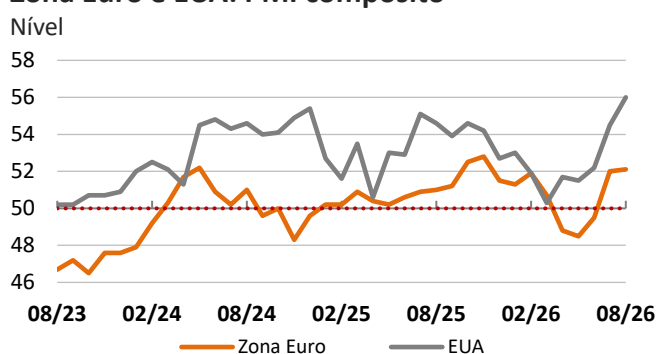
Os mercados de energia continuam condicionados pelo conflito no Médio Oriente. De facto, o preço do petróleo Brent registou uma volatilidade considerável, oscilando num amplo intervalo e situando a sua média de agosto perto de 88 dólares por barril. Embora as expectativas de normalização do tráfego marítimo pelo Estreito de Ormuz tenham sido alvo de correções, os riscos de abastecimento, a incerteza geopolítica e os *stocks* globais próximos de mínimos históricos continuaram a sustentar os preços. Ao mesmo tempo, a contabilização dos fluxos reais de petróleo provenientes do Golfo Pérsico é dificultada pelo aumento do transporte marítimo sem rastreamento visível e pelas persistentes discrepâncias de comunicação entre as diferentes partes do conflito. No mercado dos derivados (gasolina, gasóleo, etc.), as margens nos EUA, na Europa e na Ásia permanecem em níveis historicamente elevados e, embora possam ser afetadas por fatores sazonais, é pouco provável que recuem rapidamente diante de um cenário geopolítico incerto e de um mercado petrolífero sob tensão. Por sua vez, os preços do GNL também apresentaram subidas significativas, com preços médios em agosto superiores a 61 MW/h: a combinação da oferta de GNL abaixo do esperado e maior procura por eletricidade, devido às elevadas temperaturas sentidas este verão na Europa, explica este comportamento. Em suma, embora um cenário de redução das tensões geopolíticas possa favorecer correções

nos preços do petróleo e do gás, os riscos continuam concentrados numa trajetória de subida, dada a incerteza quanto à segurança do abastecimento, os baixos níveis de *stocks* globais e a vulnerabilidade de algumas rotas estratégicas de transporte.

A política comercial dos EUA volta a sofrer tensões, com o Canadá no centro da escalada. Após o fracasso das negociações bilaterais, entrou em vigor, a 22 de agosto, uma tarifa adicional de 50% sobre cerca de 20 mil milhões de dólares em produtos oriundos do Canadá, medida à qual o país lesado irá responder, a partir de 8 de setembro, com contramedidas equivalentes. Além disso, os EUA anunciaram que elevarão para 50% as tarifas sobre veículos e componentes canadenses a partir de janeiro de 2027. Por sua vez, o governo aprovou novas tarifas de até 100% sobre *drones* e componentes por motivos de segurança nacional, enquanto permanece pendente a possível imposição de novas tarifas a 16 economias devido ao excesso de capacidade industrial, incluindo a China e a UE.

O crescimento da Zona Euro no 2T foi melhor do que o esperado, enquanto a inflação subiu de forma contida. O impacto da guerra no Médio Oriente sobre a atividade económica parece ter sido consideravelmente menor no 2T do que o inicialmente previsto, como evidenciado pelo crescimento em cadeia de 0,4% do PIB da Zona Euro, após a estagnação verificada no 1T (excluindo a Irlanda, +0,32% vs. +0,26% no 1T). A maioria das principais economias apresentou um desempenho mais dinâmico do que o esperado no 2T: Alemanha, +0,3% em cadeia (revisto ligeiramente em alta); Itália (+0,2%); Portugal (+0,8%) e Espanha (+0,7%). França dececionou novamente, com o crescimento revisto em baixa, de +0,2% para 0,0%. O dinamismo observado na maior parte da região provavelmente irá estender-se ao 3T, como refletido no desempenho positivo dos principais indicadores de clima empresarial e de confiança. O PMI composto da Zona Euro consolidou em agosto a melhoria observada no mês anterior (52,1 pontos vs. 52,0 em julho, sendo 50 pontos sinal de crescimento positivo) e está agora acima da média do 2T. Este otimismo crescente é ainda reforçado pela melhoria dos indicadores de confiança empresarial na Alemanha: em agosto, o índice Ifo atingiu o seu nível mais alto nos últimos 12 meses (88,8, sendo 100 indicativo de crescimento próximo da média), e o ZEW mostra que 44% dos entrevistados esperam uma melhoria, em comparação com menos de 10% que antecipam uma deterioração. Neste contexto, a inflação sente o impacto do aumento dos custos da energia e da resistência à queda dos preços dos serviços: em julho, tanto a inflação global como a inflação subjacente subiram 0,1 p.p., para 2,9% e 2,5%, respetivamente (para mais informações, consultar a respetiva [Nota Breve](#)).

Zona Euro e EUA: PMI composto



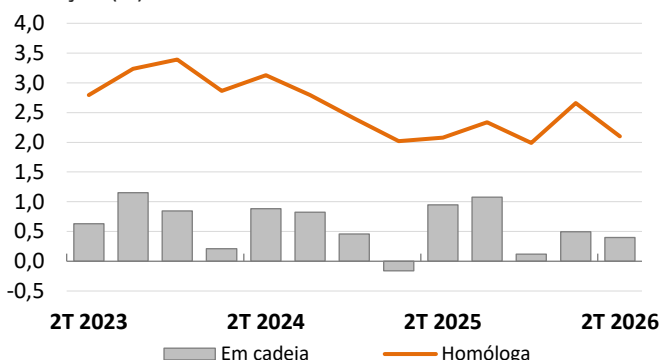
Nota: Os dados do último mês correspondem à estimativa flash.
Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Markit.

A procura interna dos EUA manteve uma força notável no 2T, apesar de o consumo ter perdido ímpeto no início do 3T. A segunda estimativa confirmou que o PIB avançou 0,4% em cadeia, após o crescimento de 0,5% do 1T (em termos anualizados, 1,5% vs. 2,1%), graças ao dinamismo que o investimento e o consumo das famílias continuam a demonstrar, enquanto a procura externa representou um peso maior do que no 1T (para mais informação, consultar a respetiva [Nota Breve](#)). No entanto, começam a surgir evidências de que o ímpeto do consumo privado pode desacelerar no 3T. Assim, em julho, o rendimento disponível aumentou 0,4% ao mês em termos reais, mas o consumo permaneceu praticamente estagnado num contexto de fraqueza do mercado de trabalho, com a perda de 23.000 empregos não agrícolas em julho e a revisão em baixa dos dados de maio e junho. Além disso, em agosto, a confiança

dos consumidores mostrou-se ainda mais fraca, como indicam as novas quedas tanto no índice da Universidade de Michigan quanto no do *The Conference Board*. Este maior pessimismo das famílias contrasta com o bom momento da atividade empresarial: o índice PMI de clima empresarial subiu 1,5 pontos em agosto, chegando aos 56 pontos — o nível mais alto em nove meses (50 é o patamar que indica crescimento positivo). Enquanto isso, a inflação continuou a desacelerar em julho: tanto a inflação global quanto a subjacente recuaram 0,1 p.p., para 3,4% e 2,5%, respetivamente, ficando claramente abaixo dos picos de 4,2% e 2,8% registados em maio.

EUA: PIB

Variação (%)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados da BEA.

Bom desempenho das economias do Reino Unido e do Japão no 2T, com a inflação em alta. De facto, o PIB do Reino Unido cresceu 0,4% em cadeia, após o crescimento de 0,6% no início do ano, impulsionado pelo dinamismo do consumo privado e do investimento. Paralelamente, o aumento dos custos energéticos elevou a inflação global em julho em 0,3 p.p., para 2,9%, enquanto a inflação subjacente permaneceu estável nos 2,6%. Neste contexto, o Banco da Inglaterra deve manter uma postura prudente e restritiva. Por sua vez, o Japão registou um crescimento trimestral de 0,3% no 2T, após a variação de 0,5% registada no 1T, graças ao consumo público e ao setor externo. Ao mesmo tempo, a inflação global subiu 0,3 p.p., atingindo 1,9% (novo máximo do ano), o que fornece argumentos adicionais para o Banco do Japão continuar a normalizar a sua política monetária.

A atividade económica chinesa perdeu força durante o verão. Embora parte da fraqueza observada tenha decorrido de fenómenos climáticos extremos (tufões), destaca-se a desaceleração registada em julho nas vendas a retalho (+0,6% homólogo, vs. 1,0% em junho) e, em menor grau, na produção industrial (+4,5% homólogo, vs. 5,3% em junho). Por outro lado, a inflação global recuou 0,5 p.p. em julho, para 0,5% (mínimo de seis meses), em resultado do atual contexto de crise energética global, evidenciando pressões deflacionistas persistentes e a fraqueza da procura interna. Neste cenário, as autoridades chinesas comprometeram-se a acelerar os gastos fiscais no segundo semestre do ano, embora sem anunciar novos estímulos.

Mercados financeiros

O aperto monetário continua presente, mas as bolsas prolongaram os ganhos. O conflito iniciado no Médio Oriente manteve os preços da energia elevados (ver a secção de Economia Internacional), obrigando os bancos centrais a manter uma postura restritiva, embora com dinâmicas divergentes em ambos os lados do Atlântico. Nos EUA, a fraqueza do mercado de trabalho e do consumo privado reduziu as expectativas dos mercados quanto ao aperto da política monetária nos próximos meses; contudo, os dados de inflação mistos atenuaram a correção, e os mercados ainda descontam como certa uma subida de 25 pontos-base antes do fim do ano, além de uma outra subida com elevada probabilidade em 2027. Na Zona Euro, diversos membros do Conselho do BCE adotaram um tom mais *hawkish* diante do aumento das pressões inflacionistas. Apesar disso, as expectativas dos mercados financeiros em relação ao BCE permaneceram relativamente estáveis: o mercado continuou a descontar um aumento de 25 pontos-base já na reunião de setembro e manteve uma elevada probabilidade atribuída a um novo aumento antes do fim do ano. Os segmentos longos das *yield curves* também divergiram em ambos os lados do Atlântico. Nos EUA, o comportamento

da curva concentrou as preocupações dos investidores em agosto: as taxas de 30 anos (que haviam atingido máximos desde 2007 devido ao maior défice e à forte emissão de dívida para financiar a IA) recuaram após o Tesouro anunciar a duplicação dos seus programas de recompra de dívida de muito longo prazo. Este alívio, no entanto, pode ser transitório segundo o próprio órgão, o que explica por que as *yields* dos títulos a 30 anos permanecem em patamares elevados, em torno de 5,20%. Na Zona Euro, as *yields* voltaram a subir; o *Bund* atingiu máximos de 15 anos e a dívida francesa alcançou níveis não vistos desde 2009, refletindo a incerteza política que antecede a negociação do orçamento de 2027. Esse movimento explica a significativa ampliação dos prémios de risco franceses em plena pré-campanha presidencial, ao passo que os prémios de risco dos restantes países da periferia da Zona Euro permaneceram bastante estáveis. Nesse contexto, o dólar depreciou-se face às suas principais moedas de referência, incluindo o euro, enquanto o ouro e os demais metais preciosos registaram fortes valorizações. Por outro lado, o mercado bolsista registou ganhos generalizados tanto nos EUA quanto na Europa, impulsionado por uma boa temporada de resultados empresariais, indicadores PMI na Europa acima do esperado e melhores perspetivas para as gigantes tecnológicos, após a NVIDIA apresentar resultados recordes e previsões de procura superiores às expectativas iniciais.

		27-8-26	31-7-26	Var. Mensual	Acumulado 2026	Var. Homóloga
Taxas		(pontos base)				
Taxas 3 meses	Zona Euro (Euribor)	2,56	2,48	7	53	61
	EUA (Libor)	3,77	3,75	+2	12	-54
Taxas 12 meses	Zona Euro (Euribor)	2,96	2,96	-1	71	92
	EUA (Libor)	4,02	4,05	-3	60	5
Taxas 2 anos	Alemanha	2,86	2,82	+4	74	93
	EUA	4,23	4,29	-6	76	31
Taxas 10 anos	Alemanha	3,25	3,21	4	40	55
	EUA	4,68	4,73	-5	51	28
	Espanha	3,70	3,65	5	41	39
	Portugal	3,60	3,55	5	45	47
Prémio de risco (10 anos)	Espanha	45	45	0	2	-15
	Portugal	35	34	1	6	-8
Mercado de Ações		(percentagem)				
S&P 500		7.731	7.490	3,2%	12,9%	21,5%
Euro Stoxx 50		6.425	6.358	1,0%	10,9%	20,0%
IBEX 35		19.882	19.783	0,5%	14,6%	39,5%
PSI 20		9.389	9.116	3,0%	13,6%	21,4%
MSCI emergentes		1.723	1.666	3,4%	22,7%	35,9%
Câmbios		(percentagem)				
EUR/USD	dólares por euro	1,165	1,153	1,1%	-0,8%	-0,8%
EUR/GBP	libras por euro	0,857	0,855	0,2%	-1,7%	-1,4%
USD/CNY	yuan por dólar	6,720	6,753	-0,5%	-3,8%	-6,1%
USD/MXN	pesos por dólar	16,977	17,343	-2,1%	-5,7%	-8,5%
Matérias-Primas		(percentagem)				
Índice global		140,1	132,1	6,1%	27,7%	34,4%
Brent a um mês	\$/barril	89,7	90,1	-0,5%	47,4%	29,7%
Gas n. a um mês	€/MWh	68,1	59,1	15,3%	141,8%	110,4%

Fonte: BPI Research, a partir de dados da Bloomberg.

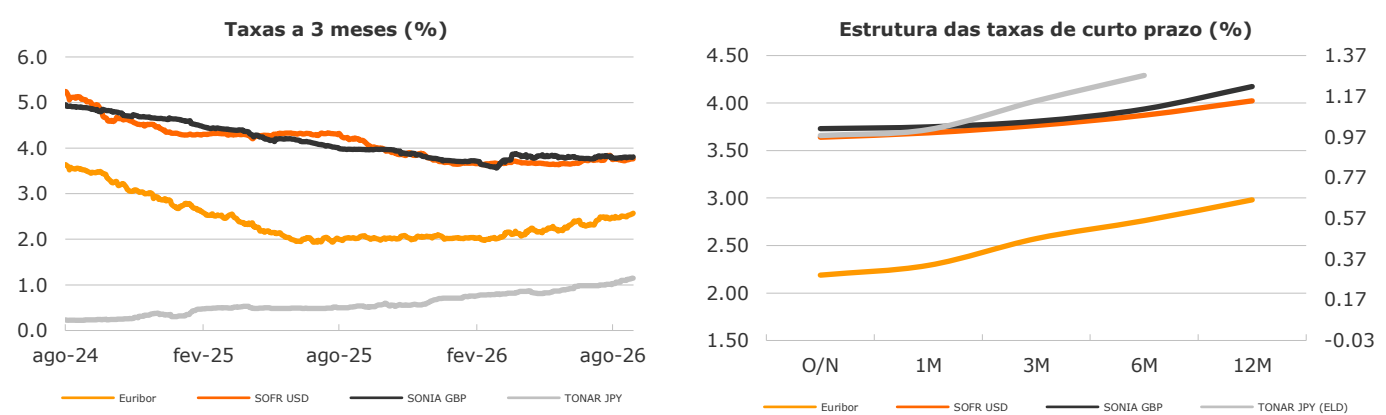
Política Monetária e Taxas de Curto Prazo

Quadro de política monetária

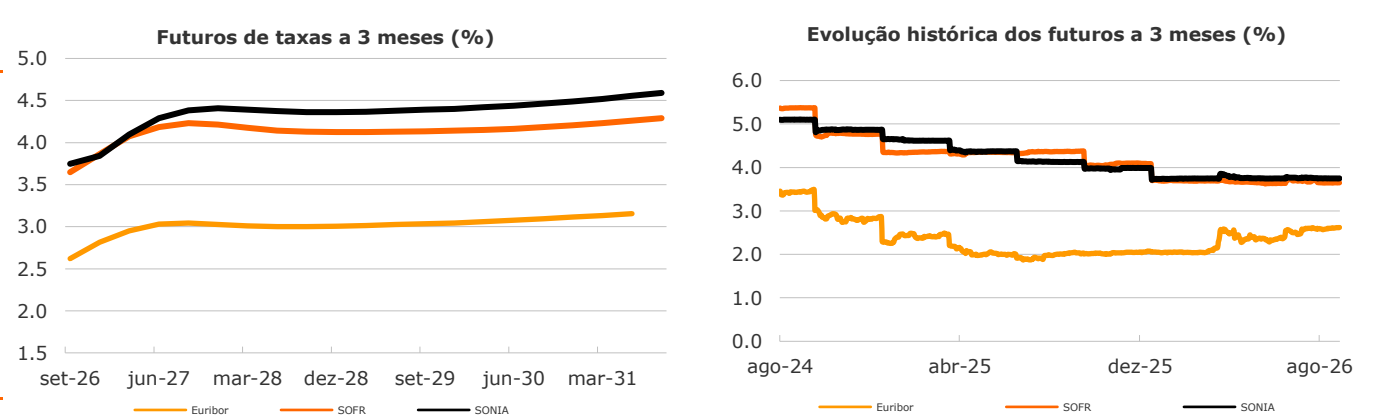
	Nível atual	Última alteração	Próxima reunião		Previsões BPI (final de período)			
			Data	Previsão	3T 2026	4T 2026	1T 2027	2T 2027
BCE	2.40%	11 jun 26 (+25 p.b.)	10-set	+25 p.b.	2.65%	2.65%	2.65%	2.65%
Fed*	3.75%	10 dez 25 (-25 p.b.)	16-set	0 p.b.	3.75%	3.75%	3.75%	3.75%
BoJ**	1.00%	16 jun 26 (+25 p.b.)	18-set	-	-	-	-	-
BoE	3.75%	18 dez 25 (-25 p.b.)	17-set	-	-	-	-	-
SNB***	0.00%	19 jun 25 (-25 p.b.)	24-set	-	-	-	-	-

Nota: * Limite superior do intervalo. ** A partir de Abril de 2013, o Banco do Japão passou a adotar como principal instrumento de política monetária o controlo da base monetária em vez da taxa de juro.
*** O nível actual refere-se ao valor médio do objectivo do SNB para a Libor 3 meses do CHF.

Taxas de curto-prazo

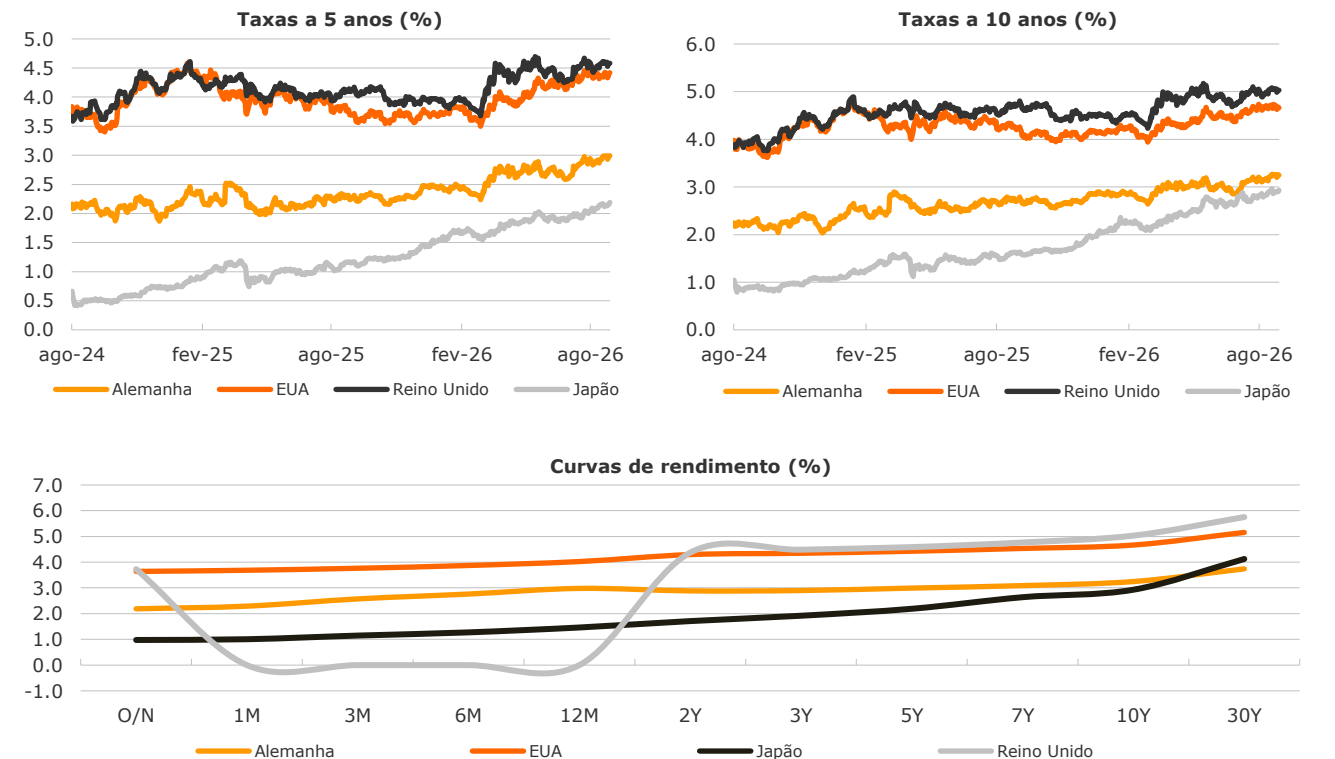


Futuros



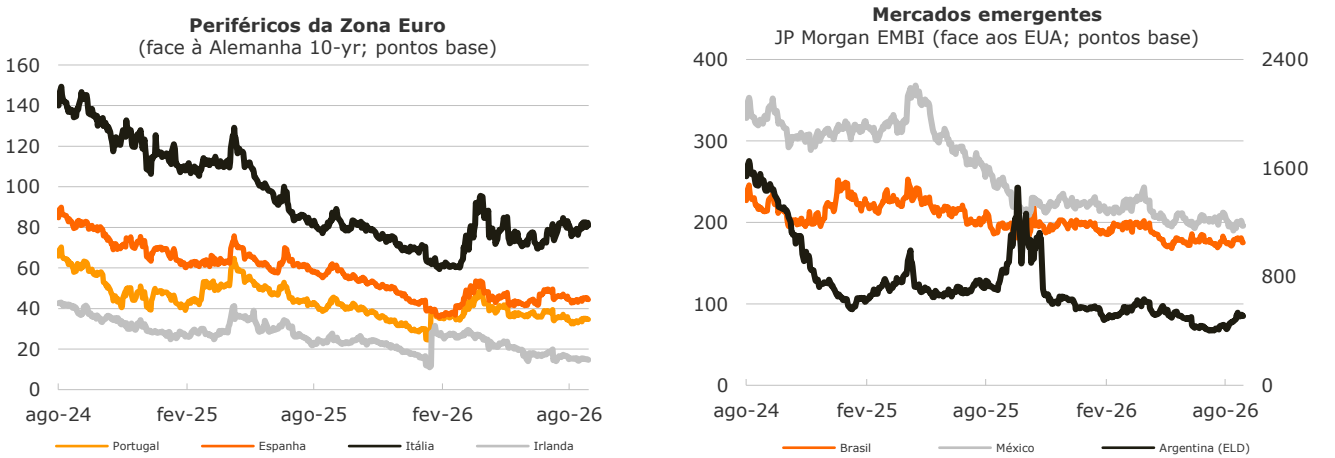
Dívida Pública

Taxas de juro: economias avançadas



	Alemanha		EUA		Reino Unido		Portugal	
	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)	Actual	Var. 1 mês (p.b.)
2 anos	2.88%	13.4	4.29%	0.3	4.37%	4.6	2.87%	14.0
5 anos	2.99%	14.5	4.42%	5.1	4.58%	8.2	3.13%	15.4
10 anos	3.25%	14.3	4.66%	5.8	5.03%	8.7	3.59%	14.5
30 anos	3.74%	13.9	5.15%	6.6	5.75%	9.2	4.23%	14.8

Spreads

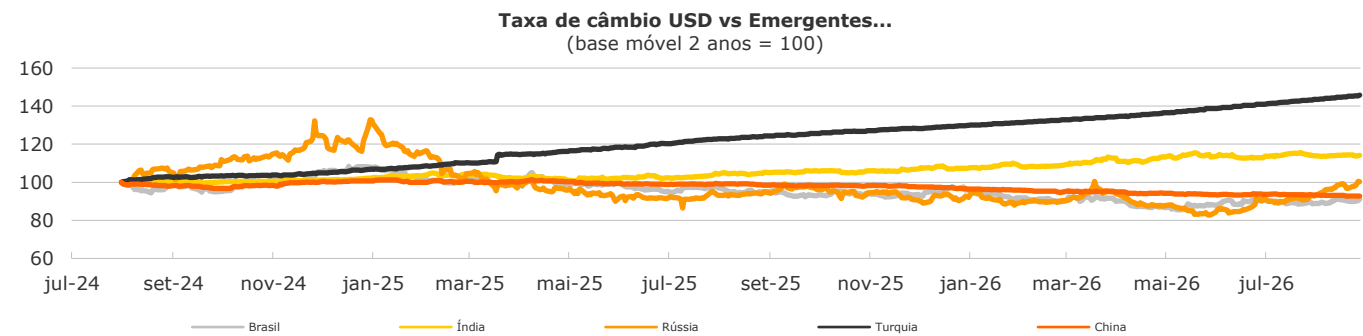
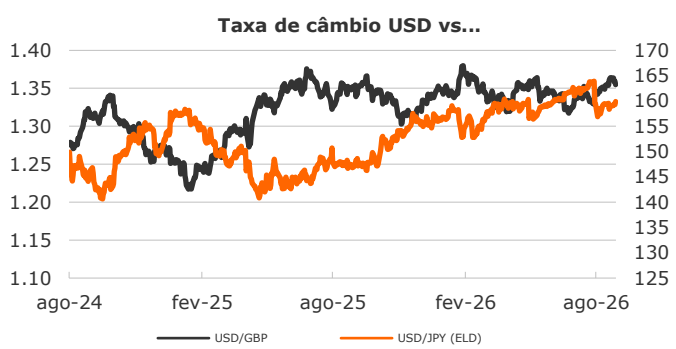
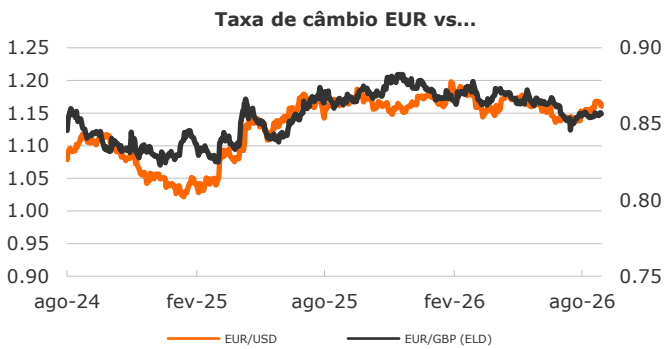


Mercado Cambial**Taxas de câmbio**

			Variação (%)					Últimos 12 meses	
			spot	-1 semana	-1 mês	YTD	Homóloga	Máx.	Min.
EUR vs...	USD	E.U.A.	1.161	-0.64%	1.85%	-1.10%	-0.70%	1.21	1.13
	GBP	R.U.	0.857	0.05%	-0.02%	-1.72%	-0.91%	0.89	0.85
	CHF	Suiça	0.937	0.18%	0.59%	0.67%	0.18%	0.94	0.90
USD vs...	GBP	R.U.	1.35	-0.68%	1.86%	0.72%	0.20%	1.39	1.30
	JPY	Japão	159.88	0.57%	-2.36%	1.94%	8.87%	163.99	145.49
Emergentes	CNY	China	6.72	0.02%	-0.67%	-3.79%	-5.70%	7.15	6.72
	BRL	Brasil	5.21	1.13%	1.84%	-5.62%	-3.68%	5.62	4.76

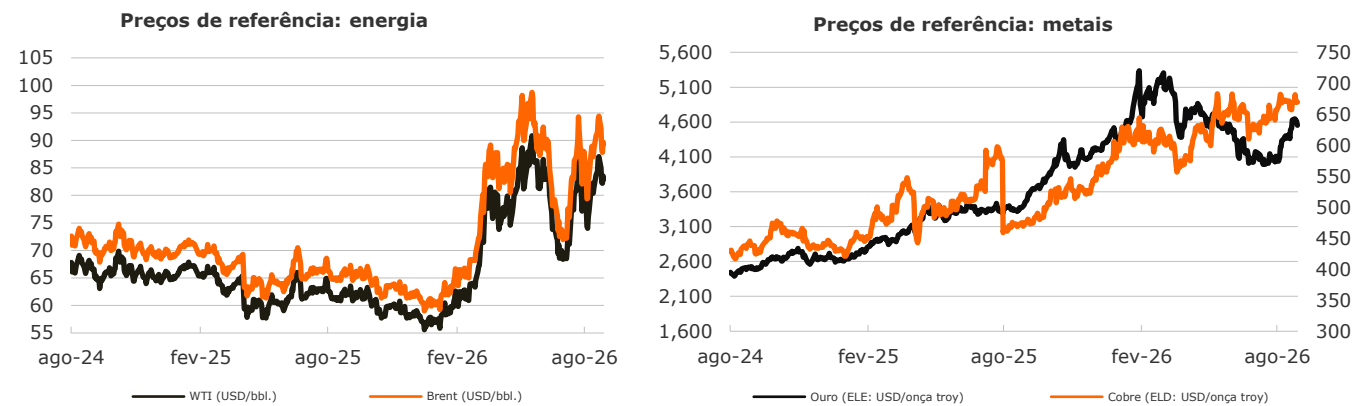
Taxas de câmbio efectivas nominais

			Variação (%)					Últimos 12 meses	
			spot	-1 semana	-1 mês	YTD	Homóloga	Máx.	Min.
EUR			103.6	-0.21%	0.84%	-1.04%	-0.11%	105.07	102.66
USD			128.0	-0.91%	-1.98%	0.04%	0.04%	-	-

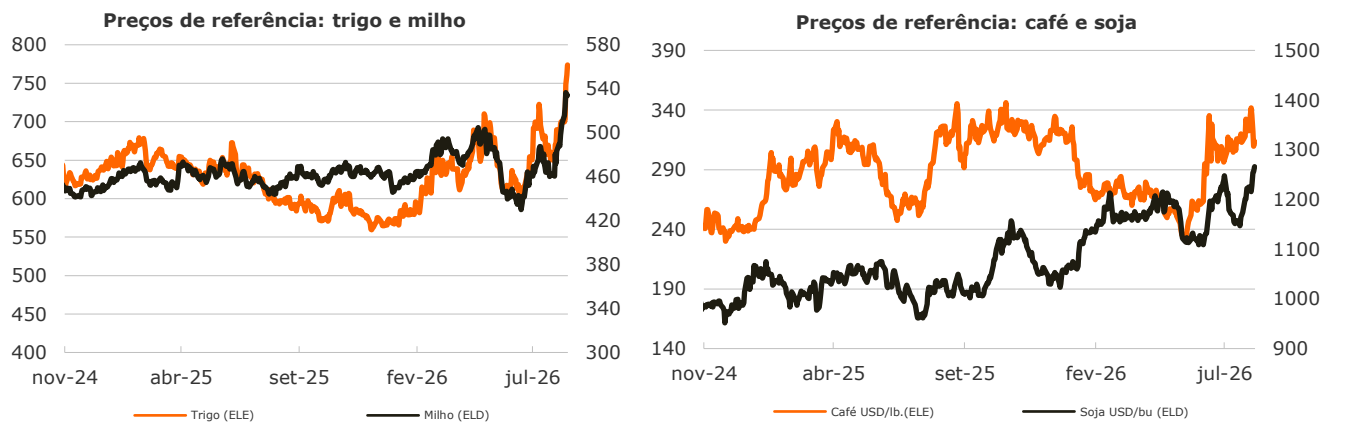
**Taxas de câmbio forward**

	EUR vs...					USD vs...		GBP vs..
	USD	GBP	DKK	NOK	CHF	JPY	CHF	USD
Taxa spot	1.161	0.857	7.475	10.871	0.937	159.880	0.808	1.355
Tx. forward 1M	1.162	0.858	7.473	10.888	0.935	159.500	0.805	1.355
Tx. forward 3M	1.165	0.860	7.467	10.923	0.931	158.751	0.800	1.355
Tx. forward 12M	1.177	0.869	7.449	11.070	0.912	155.452	0.774	1.354
Tx. forward 5Y	1.239	0.924	-	11.617	0.825	143.334	0.666	1.342

Fonte: Bloomberg

Commodities**Energia & metais**

	28-ago	Variação (%)			Futuros		
		-7 dias	-1 mês	-6 meses	1 mês	1 ano	2 anos
Energia							
WTI (USD/bbl.)	82.9	-4.8%	7.4%	28.3%	82.9	71.6	68.5
Brent (USD/bbl.)	89.3	-5.4%	8.8%	28.3%	85.8	76.4	73.2
Gás natural (EUR/MWh)	66.90	1.7%	15.1%	85.8%	65.1	42.4	30.6
Metais							
Ouro (USD/ onça troy)	4,554.0	-1.6%	12.8%	33.3%	4,592.1	4,744.3	4,960.7
Prata (USD/ onça troy)	69.3	-0.8%	20.9%	77.5%	69.5	71.7	74.2
Cobre (USD/MT)	669.8	0.1%	3.8%	7.0%	661.9	693.9	713.0

Agricultura

	28-ago	Variação (%)			Futuros		
		-7 dias	-1 mês	-6 mês	1 mês	1 ano	2 anos
Milho (USD/bu.)	534.0	5.0%	11.1%	13.7%	510.0	555.3	535.5
Trigo (USD/bu.)	774.0	10.7%	13.8%	23.5%	754.0	780.3	762.5
Soja (USD/bu.)	1,266.0	3.3%	4.5%	9.4%	1,266.0	1,286.8	1,242.0
Café (USD/lb.)	313.6	-2.8%	-1.1%	17.5%	341.9	296.0	284.2
Açúcar (USD/lb.)	17.8	1.0%	22.2%	25.2%	17.8	18.2	17.3
Algodão (USD/lb.)	91.7	3.9%	14.0%	31.7%	84.5	93.8	80.4

Mercado de Ações

Principais índices bolsistas

País	Índice	Valor Atual	Máximo 12 meses		Mínimo 12 meses		Variação		
			Data	Nível	Data	Nível	Semanal	Homóloga	YTD
Europa									
Alemanha	DAX	26,539	12-ago	26,574	23-mar	21,864	1.5%	10.4%	8.4%
França	CAC 40	8,402	7-ago	8,755	23-mar	7,505	-1.0%	8.2%	3.1%
Portugal	PSI 20	9,454	9-abr	9,516	3-set	7,639	1.1%	21.2%	14.4%
Espanha	IBEX 35	20,039	13-ago	20,357	2-set	14,646	0.4%	33.0%	15.8%
R. Unido	FTSE 100	10,817	31-jul	10,989	3-set	9,107	0.0%	17.4%	8.9%
Zona Euro	DJ EURO STOXX 50	6,480	12-ago	6,577	2-set	5,290	0.3%	20.1%	11.9%
EUA									
	S&P 500	7,731	13-ago	7,817	30-mar	6,317	0.7%	18.9%	12.9%
	Nasdaq Comp.	26,626	1-jun	27,190	30-mar	20,690	1.7%	22.7%	14.6%
	Dow Jones	53,664	5-ago	54,744	2-set	44,948	0.7%	17.6%	11.7%
Ásia									
Japão	Nikkei 225	66,406	22-jun	72,832	1-set	41,835	0.6%	55.4%	31.9%
Singapura	Straits Times	6,789	19-jun	9,386	1-set	3,135	-1.8%	113.1%	61.1%
Hong-Kong	Hang Seng	25,585	29-jan	28,056	26-jun	22,518	-1.6%	2.3%	-0.2%
Emergentes									
México	Mexbol	65,449	12-fev	72,111	1-set	58,399	-0.4%	10.6%	1.8%
Argentina	Merval	2,985,660	22-jul	3,395,937	19-set	1,635,451	2.5%	49.5%	-2.2%
Brasil	Bovespa	174,956	14-abr	199,355	28-ago	139,206	2.3%	24.0%	8.6%
Rússia	RTSC Index	-	-	-	-	-	-	-	-
Turquia	SE100	14,597	11-mai	15,205	17-out	10,054	0.6%	28.4%	29.6%

